

DIÁLOGOS DE HUXLEY E HOUELLEBECQ COM A CIÊNCIA E A LITERATURA: DO SONHO DA ETERNA JUVENTUDE AO SONHO DO ETERNO RETORNO

Artur Henrique Ribeiro Gonçalves

Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa
ahgoncal@ualg.pt

Resumo

O homem sempre acalentou o sonho de decifrar o segredo da eternidade. Imaginou a existência de seres superiores imunes às leis da morte. Chamou-lhes deuses e heróis. Através dos mitos, tentou explicar os fenómenos naturais. As religiões sistematizaram essas histórias e reuniram-nas nos livros sagrados, arautos divinos de terras prometidas em paraísos celestiais de difícil e incerto acesso.

As utopias literárias idearam paraísos terrestres situados em futuros possíveis à luz dos conhecimentos científicos disponíveis. A. Huxley e M. Houellebecq abordam o tema da imortalidade no *Brave New World* (1932) e em *La possibilité d'une île* (2005). Como epopeias dramáticas que são, oferecem-nos uma dupla miragem de eterna juventude no admirável mundo novo e de eterno retorno na possibilidade duma ilha.

Palavras-chave: Ciência; Literatura; Utopia; Eternidade; Juventude.

Abstract

Man has always cherished the dream of deciphering the secret of eternity. He imagined the existence of superior beings immune to the laws of death. He called them gods and heroes. Through myths, he tried to explain natural phenomena. Religions systematized these stories and gathered them in the sacred books, divine heralds of promised lands in heavenly paradises whose access is both difficult and uncertain.

The literary utopias imagined earthly paradises situated in possible futures in the light of the available scientific knowledge. A. Huxley and M. Houellebecq approach the theme of immortality in *Brave New World* (1932) and *La possibilité d'une île* (2005). Being dramatic epics, they offer us a double mirage of eternal youth in the brave new



world of eternal return and the possibility of an island.

Keywords: Science; Literature; Utopia; Eternity; Youth.

Prólogo: Mistério-Mito-Religião

O mais antigo poema heroico que até nós chegou conta-nos a história do rei Gilgamesh de Uruk (c. 2650AEC), o descendente de homens e deuses que queria conhecer o mistério da eternidade. Foi-lhe vedado esse segredo em vida e cedido a divinização após a morte. Os episódios mais marcantes da sua existência terrestre originaram um conjunto de lendas sumérias (2330-2000AEC), mais tarde ligadas num relato único com formato de epopeia (1750-1600). A difusão em diversas versões atravessa os séculos (1600-1100AEC), até ser reescrita por Sînleque'unnennî em acádio (1000AEC) e de novo divulgada na passagem da cultura assírio-babilónica para a greco-romana (250AEC). Depois desse percurso de dois mil e quatrocentos anos de devir estético-literário, o texto só voltou ao convívio dos leitores no final de séc. XIX, depois da descoberta fragmentária das onze placas de argila cozida que o albergam, na biblioteca do rei Assurbanipal em Nínive, e da lenta decifração da escrita cuneiforme, que então ocupava a atenção dos filólogos orientistas (Bottéro, 1987: 111-131, Bottéro, 1992: 12-59; Rodríguez Adrados, 2013: 63-66).

A doença e falecimento de Ekidu induzem Gilgamesh a procurar Utnapishtim, sobrevivente do dilúvio universal com que os deuses haviam castigado a humanidade, a fim de reavivar o amigo. Chega a aceder à planta capaz de cumprir o milagre, mas vê-a fugir-lhe das mãos. A agilidade dum serpente arrebatá-la num instante de desatenção. A analogia com o mito helénico de Orfeu e Eurídice é clara (Grimal, 1992: 340-341). Ambos ficam à beira de resgatar um ente querido dos reinos subterrâneos das sombras. Ambos falham num derradeiro momento de distração. A afinidade com o episódio bíblico de Noé é ainda mais gritante (Gn 1-9). A ortodoxia judaico-cristã tremeu quando as tábuas vindas do passado puseram em causa a originalidade teológica do *Génesis*, a antiguidade sagrada do livro dos livros, inspirador dos mais fecundos sistemas religiosos dos nossos dias. O politeísmo oriental a questionar o monoteísmo ocidental. A ciência a sobrepor-se às letras (Bottéro, 1986: 27-32; Kramer, 1997: 171-176; Rodríguez Adrados, 2013: 65-66).

Ignoramos até que ponto a epopeia homérica é subsidiária da mesopotâmica. Em ambas, encontramos personagens individuais a moverem-se num fundo histórico remoto, o uso sistemático de epítetos convencionais, de repetições prolixas e de descrições minuciosas. O conjunto de episódios convocados pela escrita encontra-se ligado por fios condutores sólidos, que lhe são dados pelos atores maiores dos factos relatados. A distância geográfica que separa a civilização do Tigre e Eufrates da do Mediterrâneo permite admitir essa hipótese (Rodríguez Adrados, 2013: 65-68). O anseio de obter a imortalidade é comum ao Gilgamesh sumério e ao Aquiles aqueu (Grimal, 1992: 36). Alcançaram-na à custa de feitos colossais com que preencheram a sua existência de mortais. Partiram fisicamente mas ficaram na memória dos vindouros.

Podemos afirmar que, até onde chega a nossa memória coletiva, o grande sonho acalentado pelo homem foi o de desvendar o segredo da eterna juventude e do eterno retorno. A etapa épica é só uma entre muitas outras que a antecederam e seguiram. Os mistérios do ciclo da vida-morte aparecem registados um pouco por toda a parte, com ponto de partida nos tempos remotos do paleolítico superior, em que o caçador-recoletor se foi gradualmente transformando em agricultor-pastor, através da revolução dos símbolos, ocorrida no termo da última glaciação. A imaginação criativa que caracteriza o *homo sapiens* desde o seu advento em África, há cerca de duzentos mil anos, levou-o a conceber a existência de seres superiores imunes às leis do fenecimento físico e traspasse final. Chamou-lhes deuses e heróis. Com o recurso aos mitos, tentou explicar de modo empírico a razão dos fenómenos naturais (Gallien, 1998: 339-375). As religiões sistematizaram essas histórias e reuniram-nas nos livros sagrados, arautos de terras prometidas em paraísos celestiais de difícil e incerto acesso. Assim no *Gilgamesh*, compilado por Sînleque'unnennî, assim na *Ilíada* e *Odisseia* atribuídas a Homero, assim nas epopeias-dramas-romances que ligam os testemunhos poéticos das antiguidades locais às pós-modernidades globais. Assim nas utopias arquitetadas em inglês por Aldous Huxley no *Brave New World* (1932) e em francês por Michel Houellebecq em *La possibilité d'une île* (2005).

Párodos: Filosofia-Ciência-Arte

O diálogo entre as ciências e as letras faz-se pela imaginação. A matemática ideou o número imaginário i para designar um número complexo com parte real igual a zero, fixando a raiz quadrada de -1 ($i^2 = -1$). A geometria definiu o ponto como um objeto de dimensão 0 (zero), *i.e.*, que só é visto mentalmente, servindo de suporte à



definição da reta e do círculo. A física permitiu-se penetrar no mundo subatômico da matéria, desenhá-lo a duas dimensões ou esculpi-lo a três, como se fosse um sistema solar em miniatura. A filosofia substituiu os procedimentos empíricos próprios da pesquisa hipotético-dedutiva pelas técnicas lógicas da argumentação, baseadas na análise de conceitos e nas experiências de pensamento, incluindo tanto o universo dos números como o das letras. Lembremo-nos que “os primeiros filósofos foram também os primeiros cientistas, e muitos deles foram também líderes religiosos” (Kenny, 1999: 19). A sede inata do homem de visitar os confins ignotos do conhecimento não admite entraves fronteiriços. O grau de precisão das ciências naturais, exatas, sociais e humanas, entendidas como a capacidade de explicar o real, está intimamente ligado aos diversos *corpora* visitados pelos respetivos exploradores-investigadores (Van Doren, 2007: 231-261).

A família das ciências obedece a hierarquias geradas pela complexidade dos problemas a que estão ligadas. À semelhança, afinal, do que acontece nas famílias humanas. Como refere Jorge Calado, no *Haja luz! Uma história da química através de tudo*: “A verdade é que as ciências não são ilhas, isto é, não se desenvolvem isoladamente umas das outras. As ciências são inseparáveis umas das outras. Até há quem pense que são inseparáveis dos homens e das mulheres que as criam – os cientistas». A seu ver, “A matemática é a linguagem (a música) das ciências. É o instrumento que lhes dá voz e as faz cantar. Sem matemática não há a ciência, há pré-ciência (como a pré-história antes da escrita)” (Calado, 2012: 62). Atrevemo-nos a acrescentar que, sem imaginação, a matemática simplesmente não existiria, nem sequer na forma de pré-ciência.

A literatura cria os heróis da imaginação. Dá-lhes nome, inventa-lhes vida, traça-lhes destinos, outorga-lhes um ADN feito de papel e tinta à semelhança das pessoas feitas de carne e osso. A arte de contar histórias, com palavras escritas e faladas, parte duma situação concreta da realidade atual e imagina a sua projeção no porvir. A etiqueta genérica usada para este tipo de textos associa um par de vocábulos de teor algo contraditório, consubstanciado no binómio ficção científica. A teoria da literatura prefere outros termos alternativos mais precisos, como maravilhoso instrumental ou científico por Tzvetan Todorov, na *Introduction à la littérature fantastique* (1970), ou metatopia-metacronia por Umberto Eco, em “Il mondo della fantascienza” (1985).

O ensaísta búlgaro funda o seu modelo teórico na resolução objetiva dum caso particular de insólito. O leitor centra-se no mundo concreto representado no texto,

equaciona a conduta das personagens e afasta-se sem hesitações do mundo dos fenómenos naturais. É obrigado a recorrer ao empréstimo de novas leis, só viáveis no mundo dos fenómenos sobrenaturais. Recusa o estranho, afasta o fantástico e elege o maravilhoso. A singularidade testada no presente da leitura passa a funcionar como causa ocorrida no passado cujos efeitos se verificam no futuro. A particularidade do subgénero referido é que “o sobrenatural é explicado duma maneira racional mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece” (Todorov, 1977: 54). Avança, pois, a hipótese da sua realização num espaço-tempo espectral. Espera-se que o maravilhoso científico se transforme em maravilhoso instrumental ou estranho puro, *i.e.*, que o aparecimento de “pequenos dispositivos, aperfeiçoamentos técnicos irrealizáveis na época descrita, mas, afinal perfeitamente possíveis” (Todorov, 1977: 53), exerça a sua influência no sobrenatural, que, mais tarde ou mais cedo, se transforme em natural com a evolução da ciência e da tecnologia.

O semiólogo italiano convoca o universo da ficção científica, aproxima-o das vias traçadas pela literatura do fantástico, considera o mundo em que o leitor vive como um mundo real ou normal e canaliza o insólito para o domínio de categorias genéricas distintas, que identifica e caracteriza. Fixemo-nos na metatopia-metacronia, entendida como uma manifestação dum mundo antecipado e simultâneo do espaço-tempo. Quer dizer, manifesta-se quando se pode imaginar que “o mundo possível representa uma fase futura do mundo real presente: e por mais estruturalmente diverso do mundo real que seja, o mundo possível é possível (e verosímil) precisamente porque as transformações nele operadas mais não fazem do que completar linhas de tendência do mundo real.” (Eco, 1989: 202). As aproximações ao mundo alternativo da alotopia e ao paralelo da utopia são, ainda, admitidas, quando nos alocamos num cronótopo hipotético, *i.e.*, quando “se pode imaginar que o nosso mundo seja realmente diferente daquilo que é” e quando “se pode imaginar que o mundo possível narrado [...] exista nalgum lugar embora normalmente não tenhamos acesso a ele” (Eco, 1989: 201-202). A terminar, afirma que “a ficção científica, lugar de encontro entre ciência e ficção (fantasia), surge como um exemplo vivo deste parentesco” (Eco, 1989: 208), o definido entre a verificação e a falsificação.

Episódios & Estásimos: Epopeia-Drama-Romance

A imaginação de mundos paralelos remonta ao período ático da cultura helénica, ao momento em que Platão antecipou um estado ideal nas páginas dialogadas da



República (c. 347 AEC) e forjou a palavra utopia para designar uma cidade ainda por fazer num espaço ainda por achar (Rep. VII, 540d-e – IX, 592a-b). A sua efetivação na área da ficção terá de esperar até ao Renascimento para obter a carta de alforria, que lhe é passada por Sir Thomas More nos dois livros da *Utopia* (1516). A sociedade perfeita descrita pelo humanista flamengo, erigida numa ilha situada entre Nova Castela (América) e Ceilão-Calecute (Índia), no equador sul, algures/nenhures no oceano Índico, servirá depois de arquétipo replicativo para a conceção fantasista doutras utopias felizes ou eutopias. Refira-se a proposta italiana de Frei Tommaso Campanella, na *Cidade do Sol* (1603 e 1623), ilha do equador austral habitada por antigos súbditos da Índia e aliados de Ceilão, provavelmente banhada pelas águas do oceano Índico; e a inglesa de Sir Francis Bacon, na *Nova Atlântida* (1627), ilha do mar do Sul (oceano Pacífico) povoada por sobreviventes da Atlântida (América), achada ao largo do país do Coya (Peru) e de Tyrambel (México) (Barzun, 2003: 131-141).

O interesse pelo género conheceu um segundo período de apogeu no séc. XX. Os mundos paralelos clássicos convertem-se nos mundos antecipados modernos. Os paraísos locais dão lugar aos infernos globais. As eutopias idealistas são derrotadas e as distopias materialistas saem vitoriosas. A nova série pode ser ilustrada por três títulos da cultura literária atual, gizadas por Aldous Huxley no *Brave New World* (1932), por George Orwell no *Nineteen Eighty-Four* (1949) e por Ray Bradbury no *Fahrenheit 451* (1953). Centrar-nos-emos na revisitação do mais antigo e passaremos à leitura contrastiva dum mais recente, proposto pelo delegado duma nova geração, oriunda do terceiro milénio, composto por Michel Houellebecq em *La possibilité d'une île* (2005).

Separados por três quartos de século, balizados pela ascensão/queda de dois sistemas totalitários de sinal contrário, o nazi e o soviético, os dois relatos de ficção científica triados partilham um conjunto de traços afins a sublinhar. Estão filiados na metatopia-metacronia utópica (Eco, 1989) e no maravilhoso científico-instrumental (Todorov, 1977) referidos. Exibem-se ambos ao leitor ingénuo como um mundo de aparência eutópica (luminosa), acabando por se revelar ao leitor prevenido como um mundo de configuração distópica (lúgubre). O ser e o parecer a mudar os sonhos de virtualidades abstratas em pesadelos de realidades concretas. Como epopeias dramáticas que são, oferecem-nos uma dupla miragem de eterna juventude no admirável mundo novo e de eterno retorno na possibilidade duma ilha.

Miragem 1: eterna juventude

Aldous Huxley inicia o *Brave New World* com uma epígrafe de Nicolas Berdiaeff, filósofo russo do existencialismo cristão, transcrita diretamente em francês:

“Les utopies apparaissent comme bien plus réalisables qu'on ne le croyait autrefois. Et nous nous trouvons actuellement devant une question bien autrement angoissante : comment éviter leur réalisation définitive ?... Les utopies sont réalisables. La vie marche vers les utopies. Et peut-être un siècle nouveau commence-t-il, un siècle où les intellectuels et la classe cultivée rêveront aux moyens d'éviter les utopies et de retourner à une société non utopique moins «parfaite» et plus libre.” (Huxley, s. d. a: 7)

A lição a extrair é que as utopias são possíveis, perigosas e evitáveis. O novo século já deu os primeiros passos para abolir umas e criar outras. Os anseios dos homens continuam voltados para a obtenção duma sociedade mais justa, perfeita, igualitária. Quimera onírica de concretização sempre projetada-substituída por outras fantasias cada vez mais ilusórias e cobiçadas. O império dos mil anos do Terceiro Reich alemão ruiu em apenas doze, no final da Segunda Guerra Mundial (1945), deixando atrás de si um rasto de morte de dezenas de milhões de vidas. O paraíso imposto pelo regime soviético converteu-se, nos setenta anos que durou, num verdadeiro inferno para outras tantas dezenas de milhões de vítimas, conjuntura que só cessou com a queda do Muro de Berlim (1989). As miragens de liberdade surgiram no horizonte nesse final de milénio e de guerra fria travada entre duas superpotências divididas por uma cortina de ferro aparentemente intransponível. As benesses oferecidas hoje em dia pelo liberalismo-neoliberalismo têm convidado as gentes a descer das alturas celestiais das eutopias ilusórias às planuras terráqueas das distopias quotidianas. O atentado terrorista às torres gémeas nova-iorquinas do World Trade Center (2001) pode ser tido como o primeiro grande aviso de que, no início do terceiro milénio, algo continua ainda por resolver no âmbito global das relações internacionais, regidas por concepções político-religiosas diferentes.

Aldous Huxley recorre à cultura dramática de William Shakespeare, visita a ilha mágica imaginada em *The Tempest* (1610/11), inspira-se nas representações de vida convocadas pela peça e apropria-se duma das falas mais sonoras de Miranda, uma das suas figuras centrais, transformando-a no título do romance que o destacaria no universo diegético-mimético de antecipação metatópica-metacrónica: “O wonder! | How many goodly creatures are there here! | How beauteous mankind is! O brave new



world, | That has such people in't!" (Temp V, I, 181-184). A ideia do ficcionista seria a de desmontar os perigos latentes nas sociedades baseadas na substituição do direito ao livre arbítrio pelo condicionalismo programático da predestinação compulsiva. A miragem associada ao projeto da construção utópica do admirável mundo novo está ancorada na eterna juventude das suas gentes, na ilusão consentida-apetecida de eternidade limitada no espaço-tempo numa existência humana de sessenta ou mais anos vividos em plena forma física e mental dum corpo de vinte e poucos.

Para concretizar o projeto, a narrativa situa a ação na supercivilizada Londres do séc. VI/VII d. F. (depois de Ford) e arrola nas páginas iniciais da fábula os avanços científicos já atingidos por essa sociedade ideal do futuro, totalmente ignorados à data da escrita e de difícil efetivação à data das leituras atuais. O processo Bokanovsky (subdivisão dum único embrião em noventa e seis gémeos idênticos) e a técnica Podsnap (de aceleração da maturação de cento e cinquenta óvulos em dois anos) são alguns dos inventos obtidos para justificar a "World State's motto, COMMUNITY, IDENTITY, STABILITY" (Huxley, 1932: I). Os nomes de Bernard Shaw, Sigmund Freud, William James e Ivan Pavlov, entre outros, permitem uma ligação lógica entre o mundo real e o virtual. Os princípios de eugenia praticados na comunidade do amor, a música sintética, o cinema percetivo, o recurso às propriedades alucinogénias do soma sem riscos para a saúde, as sessões coletivas de orgia-folia, as maravilhas tecnológicas do Centro de Incubação e de Condicionamento de Londres-Central, pintam o quadro cénico desta sociedade de castas tida como perfeita, aquela em que a felicidade reside no facto de todos os seus membros, meticulosamente programados desde a proveta em que foram decantados (alfas, betas, gamas, deltas e épsilones), gostarem de tudo aquilo que são obrigados a fazer: "All conditioning aims at that: making people like their unescapable social destiny" (Huxley, 1932: I).

O pano desce sobre o cenário do admirável mundo novo e levanta-se na reserva do Novo México. A ordem da vida artificial cede passo ao caos da vida natural. O *locus amoenus* da civilização instituída enfrenta o *locus horrendus* da barbárie circunscrita. O cotejo entre os dois universos é avivado quando o pano volta a subir e coloca os atores no espaço utópico inicial. John-o-Selvagem é posto em contacto com uma realidade ignota e reage de acordo com os princípios de conduta social em que fora criado. Escolhe o rumo a dar ao seu próprio destino. Denuncia a falácia da manipulação do espírito, exercida pelos fabricantes de pensamento coletivo, e assume o controlo consciente da liberdade individual, que os princípios inalienáveis do livre alvedrio lhe oferecem. Afasta as promessas enganosas de felicidade imutável e

reclama o direito à dignidade humana de caminhar em direção à velhice e à morte. Recusa as facilidades duma vida artificial e envereda pelo suicídio libertador, a única forma natural conhecida de avistar com sucesso a miragem da eterna juventude.

Miragem 2: eterno retorno

Michel Houellebecq abre *La possibilité d'une île* com uma questão retórica de resposta incerta: “Qui, parmi vous, mérite la vie éternelle?” (Houellebecq, 2005: 11). É que a eternidade aludida se refere a uma realidade hipotética que está para além da razão humana do princípio e do fim. Os homens só podem aspirar à imortalidade. Registam a sua presença na história com um nascimento que inviabiliza a pretensão de terem existido *ab aeterno*. Os seres divinos lá vão conseguindo esse feito de resistirem às leis da morte enquanto forem lembrados pelos seres humanos. Estes, tendo em atenção os conhecimentos atuais que a ciência lhes vai concedendo, só podem adiar a data da integração no nada que é tudo em períodos de tempo cada vez mais alargados, mas de dimensão limitada. A noção dum horizonte sem termo à vista só existe na nossa imaginação delirante e sedenta de infinito.

A estrutura discursiva centra-se num dupla narrativa separada por dois mil anos de manipulação genética: o relato de vida de Daniel¹ (coevo do autor real da fábula) e os comentários que lhe são feitos por Daniel 24 e Daniel 25 (destinados aos leitores virtuais da ficção). Pacto autobiográfico duma estirpe biológica única, ligada pelo mesmo código de ADN e repartida-unificada por encarnações continuadas de clonagem cibernética e autotrófica de criação do neo-humano. A tal miragem de eterno retorno referida a alimentar o sonho de imortalidade de quem está condenado a abandonar a vida mais tarde ou mais cedo. Modos de existência cíclicos explicados através duma fundamentação filosófica precisa, delineada por Pierce, um dos seus ideólogos mais conceituados.

Ecos dos universos utópicos de Huxley e do *Admirável mundo novo* são audíveis em ondas sucessivas. Em ambos os textos visionários se pode detetar um cronótopo vindouro em função dos saberes científicos disponíveis no momento da escrita. Paraísos celestiais com morada terrestre. Os dois partilham um culto obsessivo pela preservação dos corpos jovens. Os dois nutrem um ódio visceral pela degradação dos corpos velhos. A presença controlada de seres superiores, modificados, perfeitos, integrados em grupos privilegiados, opõe-se a uma massa imprecisa de seres inferiores, primitivos, selvagens, nascidos em plena natureza. A felicidade conquistada



pelos primeiros contrasta com a infelicidade herdada pelos segundos. As barreiras de proteção lá estão para estabelecer a fronteira imperiosa entre uns e outros.

As analogias pautadas devem-se mais às singularidades do género do que à imperícia dos relatores de erigirem Futuros possíveis, de gerarem sonhos aos incautos e pesadelos aos precavidos. Divergem, sobretudo, na conceção político-social que a fábula atribui aos sobreviventes das grandes catástrofes geológicas e revoluções biológicas que dividiram os cidadãos e deram origem a outras eras. As castas comunitárias predominantes na inglesa são substituídas pelas relações interindividuais exclusivas na francesa. O desejo material é anulado e a perceção espiritual é ativada. A solidão surge e o amor desaparece. Ao conquistar a juventude perene, ciclicamente renovada pela ciência persistente dos Sete Fundadores e pelo saber convincente da *Sœur suprême*, o destino dos neo-humanos rejuvenescidos, imaginado em francês por Houellebecq, acaba por igualar o destino dos selvagens envelhecidos, imaginado em inglês por Huxley. A existência privada das emoções que dão sentido à eternidade reduz-se ao nada absoluto. Ironia trágica da própria condição humana.

Maria 23 supera a angústia da morte e parte à procura da vida. Daniel 25 segue-lhe o exemplo. Enceta uma viagem de prospeção pelos antigos territórios dos homens à descoberta do lado exterior do mundo. As paisagens devastadas pela Grande Seca ocupam o Grande Espaço cinzento vazio de gentes. Faz-se acompanhar de Fox. Um cão. O único ser biológico com quem interage fisicamente desde que a vida real foi substituída pela vida virtual. Os derradeiros representantes genéticos da estirpe humana que deram pelo nome de Maria e Daniel recusam a condição de isolamento insular a que a ambição de imortalidade conduziu. Recorrem ao livre arbítrio que o modelo preconizado por Houellebecq preservou. Ignoramos se se terão encontrado numa qualquer comunidade de seres sedentos de saborear o riso e o choro das origens. Mistério insondável. A possibilidade duma ilha enfrentar a sucessão de instantes existentes no meio do tempo é a única certeza visível no horizonte do estar e do deixar de estar. A ponte ontológica erigida pelos homens e mulheres de desfrutar a ciência, de conceber a arte, de entender a beleza, de preencher o vazio, de consumir o amor. Tal como Selvagem fizera no modelo criado por Huxley, o que restava do Daniel primitivo abandona os avanços tecnológicos que o futuro lhe proporcionara e parte à procura da sua verdadeira humanidade, quebrando por moto-próprio a cadeia enganosa produzida pela miragem do eterno retorno.

Êxodo: Deuses-Heróis-Homens

O diálogo de Aldous Huxley e Michel Houellebecq com a ciência e a literatura processa-se dentro e fora do *Brave New World* (1932) e de *La possibilité d'une île* (2005). Fazem-no noutros relatos similares, em prefácios e textos de reflexão diversa. A apetência do ficcionista inglês ao tema deve-se, sem dúvida, ao facto de ser oriundo duma família ligada à escrita e à investigação. Era neto do zoologista Thomas Henry Huxley, defensor da teoria evolucionista; filho do escritor Leonard Huxley, biógrafo de Darwin; irmão do biologista Sir Julian Huxley, primeiro diretor-geral da UNESCO; e meio-irmão do fisiologista Sir Andrew Huxley, prémio Nobel da Medicina.

Alguns destes dados são referidos pelo ficcionista francês em *Les particules élémentaires* (2007: 156-162), cujas origens, em contrapartida, se situam num meio bem mais modesto. Era filho de René Thomas, um mero instrutor de esqui e guia de alta montanha; e de Lucie Ceccaldi, médica anestesista e escritora. A tendência hippie dos pais leva-os ao divórcio e a desinteressarem-se do filho. Entregam-no ao cuidado da avó paterna, Henriette Thomas Houellebecq, militante comunista que lhe emprestou o nome com que passou a assinar a sua criação artística e lhe terá transmitido o gosto pelos ideais utópicos de liberdade conquistada. A formação académica em agronomia ter-lhe-á dado as informações científicas básicas com que alicerça a construção do projeto científico imaginado pela ficção.

Huxley, No “Prefácio do Autor” à edição de 1946, clarifica que o tema da obra que o celebraria não incide nos “triumfos da química, da física e da arte do engenheiro”, mas sim na “aplicação aos seres humanos das futuras pesquisas em biologia, fisiologia e psicologia”. A seu ver, é só devido às “ciências da vida que a vida poderá ser modificada radicalmente”. A concluir, afirma que as “ciências da matéria podem ser aplicadas de tal maneira que destruam a vida ou que tornem a existência inadmissivelmente complexa e desconfortável; mas, a não ser que sejam utilizadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, são impotentes para modificar as formas e as expressões naturais da própria vida”. (Huxley, s. d. a: 12-13)

Os princípios teóricos da ciência da literatura propostos por Tzvetan Todorov e Umberto Eco estão todos documentados no prefácio em apreço, observando-se também aí uma antecipação dos preceitos poéticos referentes aos universos imagéticos da ficção romanesca. A inexistência de alusões à cisão nuclear, no texto escrito em 1931, é apontada como “um enorme e manifesto defeito de previsão” (Huxley, s. d. a: 12), lacuna a juntar a outras mais, reiteradas e ampliadas no final da



década seguinte por Huxley no *Brave New World Revisited* (1958). Os problemas da superpopulação e superorganização, da propaganda democrática e autocrática, da lavagem ao cérebro e da arte de vender, da persuasão química e do subconsciente, da educação para a liberdade, das estratégias a seguir no futuro, para evitar as miragens das distopias disfarçadas de eutopias são comentados em duas centenas e meia de páginas do ensaio. Reflexões pedagógicas a ter em conta, muito embora alguns dos receios apontados tenham sido parcelar ou totalmente substituídos por outros que nos perseguem neste início de século e milénio.

Houellebecq expõe receios similares às de Huxley, preocupado com o evoluir futuro das relações humanas, centrados nas potencialidades do amor, na desapareição das religiões e na construção dum Homem Novo. A publicação recente de romances como *La possibilité d'une île* e *Les particules élémentaires*, tornadas públicas há menos duma década, impedem-nos de verificar a exequibilidade das antevisões científicas avançadas. A velocidade a que os segredos da vida e da matéria têm vindo a ser desvendados nos últimos anos obriga-nos a refletir de maneira atenta nas implicações futuras da decifração e manipulação do código genético, com vista à concretização celestial/infernal da imortalidade. A imaginação não nos impede, todavia, de admitir que “L’humanité devait disparaître ; l’humanité devait donner naissance à une nouvelle espèce, asexuée et immortelle, ayant dépassé l’individualité, la séparation et le devenir.” (Houellebecq, 2007: 308).

Como foi dito, a utopia é possível. É-o de certeza na ficção poética das imitações de vida propostas pelas epopeias, dramas e romances. Os mistérios do cosmos podem ser esclarecidos com arte através do pensamento filosófico e da investigação científica, através do desenvolvimento de mitos globais e de lendas locais, adotados pelas grandes religiões e literaturas universais. A miragem de eternidade terá assolado há cerca de cinco milénios Gilgamesh, o herói sumério filho dos deuses imortais e dos homens mortais. Quando tinha nas mãos o instrumento que lhe daria uma vida sem limites, deixou-a escapar para sempre. Como refere um dos mais recentes escoliastas da epopeia mesopotâmica, “La inmortalidad no está al alcance de los hombres” (Rodríguez Adrados, 2013: 66). Verdade milenar a que a ficção científica dos nossos tempos dificilmente poderá escapar. A tragédia humana é mesmo essa. Qualquer que seja o desenvolvimento seguido na sua estrutura interna de drama (prólogo – párodos – episódios/estásimos – êxodo), equipara-se, inexoravelmente, ao suplício de Tântalo, permanecer “numa fome e numa sede eternas: mergulhado na água até ao pescoço, não podia beber, porque o líquido fugia sempre que tentava



mergulhar nele a boca; um ramo carregado de frutos pendia sobre a sua cabeça, mas se levantava o braço, o ramo erguia-se bruscamente e ficava fora do seu alcance.” (Grimal, 1992: 428a). Por outras palavras, o destino do homem será sempre o de nascer, viver e morrer.

Referências Bibliográficas

- Barzun, J. (2003). *Da alvorada à decadência. De 1500 à actualidade: 500 anos de vida cultural do Ocidente*. Lisboa: Gradiva.
- Bottéro, J. (1986) *Naissance de Dieu. La Bible et l'historien*. Paris: Gallimard.
- Bottéro, J. (1987). *Mésopotamie. L'écriture, la raison et les dieux*. Paris: Gallimard.
- Bottéro, J. (1992). *L'Épopée de Gilgameš. Le grand homme qui ne voulait pas mourir*. Paris: Gallimard.
- Calado, J. (2012). *Haja luz! Uma história da química através de tudo*. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- Eco, U. (1989). Os mundos da ficção científica. *In Sobre os espelhos e outros ensaios*, 200-208. Lisboa: Difel.
- Gallien, C.-L. (1998). *A origem do homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Grimal, P. (1992). *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa: Difel.
- Houellebecq, M. (2005). *La possibilité d'une île*. Paris: J'ai lu.
- Houellebecq, M. (2007). *Les particules élémentaires*. Paris: J'ai lu.
- Huxley, A. (1932). *Brave New World*. Acedido em 11 de janeiro de 2014, disponível em <http://www.huxley.net/bnw/one.html>.
- Huxley, A. (s. d. a). *Admirável mundo novo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Huxley, A. (s. d. b). *Regresso ao admirável mundo novo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Kenny, A. (1999). *História concisa da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates.
- Kramer, S. N. (1997). *A história começa na Suméria*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Rodríguez Adrados, F. (2013). *El río de la literatura*. Barcelona: Ariel-Planeta.
- Todorov, T. (1977). *Introdução à literatura fantástica*. Lisboa: Moraes Editores.